

# CEILÂNDIA 51 ANOS



## “Quando cheguei aqui, era só poeira”

A cultura nordestina ajudou a moldar a cidade e as famílias desde o começo

» NAUM GILÓ\*

**M**aria da Conceição Ferreira Evangelista, 59 anos, é uma das pessoas que podem falar com propriedade sobre Ceilândia. Cearense, ela fez parte das grandes jornadas de nordestinos que vieram ao Distrito Federal para ajudar a construir a nova capital do país e buscar melhores condições de vida. A chegada foi no início dos anos 1970, quando, à época, ela tinha 7 anos. A família, inicialmente, morou no Gama nos primeiros

anos, mas sempre visitava uma tia que vivia em Ceilândia, para onde se mudou em 1976.

“Cheguei aqui quando não tinha asfalto, era só poeira. Como não tinha água encanada, as pessoas ainda pegavam água no chariz. Vi a cidade e as pessoas crescerem”, rememora Conceição, que é bem conhecida dentro da comunidade ceilandense. Atuante na assistência social, ela é a quem muitas pessoas recorrem quando precisam de itens básicos como roupa, comida, móveis e remédios.

Em Ceilândia, criou os filhos

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



**Maria da Conceição: “Meu primeiro neto nasceu em Ceilândia”**

e teve o primeiro emprego como assistente social na administração da cidade, à época comandada por Maria de Lourdes Abadia, responsável pela remoção da antiga Vila do IAPI. Apaixonada por Ceilândia, Conceição guarda um carinho especial pela cidade que a acolheu desde

sempre. A única entre os oito irmãos que tem ensino superior, a cearense se formou em pedagogia em uma faculdade na cidade. “Meu primeiro neto também nasceu em Ceilândia. Aqui, tenho muitos amigos, todo mundo me conhece.”

Conceição relata que a

evolução da cidade é perceptível. “Antigamente, quando precisávamos resolver ou comprar algo, tínhamos que correr para a W3 Sul. Hoje, o comércio de Ceilândia cresceu muito, a cidade tem muitos grandes empresários”, constata ela, hoje empregada na Administração do Riacho Fundo 2. “Brasília é a capital do Brasil e Ceilândia é a capital de Brasília..”

Defensora ferrenha da cidade, ela não aceita quem associa Ceilândia à criminalidade, garantindo que há exageros quando falam do assunto. “Antes de me mudar para cá, eu também tinha medo, por conta do que as pessoas falavam, principalmente sobre as invasões. Mas, quando passei a morar aqui, vi que não era bem assim. Hoje eu ando em Ceilândia sem medo”, conta Conceição, agora moradora do P Sul.

Sobre o futuro da cidade, defende mais avanços na área da educação, embora celebre a existência do campus da Universidade de Brasília (UnB) em Ceilândia. “A UnB era para poucos. Era muito difícil um jovem de Ceilândia ingressar na universidade. Hoje isso mudou.”

## “A cidade parecia um “barril”

Ao escutar Léo Maravilha falando da própria vida, alguém um pouco mais desatento pode achar que se trata da história de Ceilândia. Filho e neto de cangangos vindos de Minas Gerais, ele nasceu em 1961, na extinta Vila do IAPI. Dez anos mais tarde, a família estava no grupo de moradores, considerados invasores, que foi removido do local para irem morar onde hoje está situada a maior cidade do DF.

Léo viveu a Ceilândia na poeira vermelha, sem qualquer infraestrutura básica, como água, eletricidade, asfalto e um transporte público bastante limitado, e viu a cidade crescer desde o tempo em que não existiam o Setor O e nem o Sol Nascente,

quando o mapa da cidade parecia um “barril”, apenas com as Ceilândias Norte e Sul.

Autêntico filho de Ceilândia, sua trajetória o inspirou a contar a história da cidade (que já foi recontada em rap, cordel e filme) de uma forma inédita: em quadrinhos. *Ceilândia: da Vila do IAPI ao Metrô*, parceria com o desenhista Neftaly Vieira e roteiro assinado por Léo, se passa em uma viagem de Metrô do Terminal Ceilândia até a estação Central, durante a qual a história da cidade é narrada, desde os tempos da Vila IAPI até a chegada do metrô à cidade, em 2008. “A obra foi feita na base da ‘escrivência’”, conta o ceilandense.

Além de quadrinista, Léo é

músico, compositor e foi fundador, em 1984, da Águia Imperial, escola de samba “100% Ceilândia”, como ele mesmo define. “A Águia Imperial tem uma importância primordial para a cidade. Em 1985, ela saiu no grupo especial e nunca mais caiu. Teve uma época que o carnaval ocorria no Ceilambódromo, que foi quando o carnaval de Brasília teve o seu maior público. Hoje, estou trabalhando em um projeto audiovisual para falar, em formato de documentário, sobre esse período”, afirma Léo, que também é ocupante da cadeira 35 da Academia Ceilandense de Letras e Artes Populares (Aclap).

É inegável que Ceilândia passou por intensos processos de

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



**Léo Maravilha: “Aqui, eu aprendi tudo o que eu sei”**

transformação desde a sua fundação, mas algumas carências atravessaram gerações e se perpetuam até os dias atuais. “Ainda desejo uma melhoria na infraestrutura, como iluminação pública, mais espaços culturais e um transporte mais eficiente”,

confessa Léo, que também lembra da ausência de salas de cinema na cidade. “Ceilândia é a minha vida, sou um grande defensor. Aqui, eu aprendi tudo o que sei.” (NG)

**“Estagiário sob a supervisão de José Carlos”**